

Monument Mali

Picos rochosos em pleno deserto,
mesquitas de barro, rios sonolentos,
etnias milenares. Bem-vindos ao Mali,
onde a África é mais blues

TEXTO E FOTOS Caio Vilela

A Mão de Fátima,
formações de
granito a quebrar a
monotonia do deserto

É bastante provável que o Mali não seja o destino onde você deseja passar suas próximas férias. Nem o das seguintes. A monocromia do deserto, os pernoites improvisados em vilarejos, a pobreza e o calor escaldante não são amigáveis. Mas para quem tem sede de aventura e interesse antropológico, o país africano, colônia francesa até 1960, é uma grande opção. O guia de viagens *Lonely Planet* é enfático: “se você tiver de escolher apenas um país entre os 17 do oeste da África para visitar, escolha o Mali.”

Nossa viagem começou em Bamako, a capital, situada à margem do Rio Níger. Uma brisa quente e empoeirada invadiu o interior do boeing da Air France assim que a comissária abriu a porta. Era dezembro, em pleno inverno no Hemisfério Norte, e fazia 29°C. No saguão do modesto aeroporto não havia cartazes de promoção turística e nem sinal de visitantes estrangeiros.

Em um táxi caindo aos pedaços, atravessei a cidade rumo ao Sleeping

Camel, uma pousada popular entre jovens europeus. Lá encontrei com Thomas, um fotógrafo belga que conheci através de um fórum de viajantes na internet e com quem havia previamente combinado de dividir os custos de um carro tracionado por dez dias. Bamako, para nós, era apenas um lugar de passagem. Nosso projeto era percorrer por volta de mil quilômetros deserto adentro, conhecer tribos que preservam tradições seculares e paisagens que não devem nada para as nossas Chapadas.

Junto com o motorista, Issa, elaboramos um roteiro e acertamos o valor de € 100 por dia pelo 4x4, gasolina à parte. Naquela mesma tarde, Issa nos levou ao mercado de artesanato de Bamako, um dos únicos pontos da cidade que atrai estrangeiros (os outros são os bares, veja na pág. xx). Nos corredores do mercado, estatuetas, tecidos tingidos, peças em madeira, jóias de prata, cerâmica e máscaras. Os preços começam altos, mas baixam bem após o primeiro sinal de dúvida no rosto dos visitantes.

A odisséia rodoviária começou ao nascer do sol (visto, aliás, pela janela da Land Rover). Pegamos uma estrada espantosamente bem conservada rumo a Djenné. A atração maior do lugar é a Grand Mosqué, uma mesquita construída com barro e madeira, erguida no século 13 e que se deteriora a cada vez que chove forte. Depois de cada enxurrada, ela é laboriosamente refeita da mesma forma primitiva e milenar pelo povo local. Tudo na cidade gira em torno da Grand Mosqué: o mercado, a parada de ônibus, o movimento diário (e minguido) de turistas. Estacionados em frente ao monumento em plena segunda-feira, dia de mercado, flagramos fiéis circulando pelos terraços (não-muçulmanos, como eu, são proibidos de



Mercado em Djenné



A Grand Mosqué de Djené



Casas de adobe se confundem com a paisagem em Hombori



Fim de tarde à beira do Níger



Legenda mMalinês de Hombori

entrar). A parede ocre muda de tonalidade conforme o sol baixa resultando em um jogo de cores lindo, um presente para quem fotografa.

À nossa volta, centenas de mercados de variadas etnias exibem seus produtos. Um falante vendedor do artesanato de Timbuktu nos adverte contra o perigo de sequestro para quem segue em direção ao deserto. Famoso por ser o último povoado antes de adentrar à porção desabitada do Saara, no norte do país, Timbuktu povoa o imaginário popular dos viajantes. Está presente nos quadrinhos de Tin Tin, nos desenhos animados, nas biografias dos exploradores e em inúmeras lendas africanas. É o ponto final, a última parada. A partir dali, só há areia até chegar, após centenas de quilômetros, na fronteira com a Argélia. Mas apesar de todo o mito, o destino em si é pouco atraente. Não há muito para se visitar ou fotografar, e este fato já era um consenso entre os viajantes do fórum online em que pes-



Roupas coloridas, cenários nem tanto em Djenné

quisei. Ainda por cima, foi justamente por lá que três turistas holandeses foram sequestrados e um sul-africano foi morto em novembro de 2011 em uma emboscada assumida pela Al Qaeda. Nossa aposta era a região de Hombori, o vale rochoso na extremidade norte do território do povo Dogon, uma das paisagens naturais mais impressionantes da África, habitada por uma das tribos mais primitivas e culturalmente ricas do continente.

Seguimos viagem até a cidade de Mopti, outra concentração pulsante de etnias à margem do Rio Níger. Pirogas e outras embarcações artesanais deslizam sobre as águas calmas do rio carregando moradores de comunidades ribeirinhas. Roteiros de três ou quatro dias ao longo do rio, com pernoites em pequenos vilarejos, são organizados a partir de Mopti. A viagem lenta (e sonolenta) é popular entre os franceses. Um tour rápido de três horas a bordo de uma piroga típica sacia a vontade. Fugindo dos mosquitos e do risco de malária à beira-rio (o mosquito que transmite a doença dá as caras à noite), minha jornada seguiu por terra, rumo ao que viria a ser a grande surpresa da viagem.

Após três horas na rodovia que liga Mopti à cidade de Gao, chegamos a Hombori, no coração do deserto. Impoentes picos rochosos interrompem a monotonia da paisagem do Saara em um cenário que lembra o Monument Valley, território navajo no Arizona mais conhecido como Terra de Marlboro.

O Sol castiga enquanto procuramos sombra aos pés de um impressionante conjunto de cinco agulhas de granito, conhecido como Mão de Fátima. “Aparcer por aqui nos meses de verão, nem pensar”, adverte nosso motorista, lembrando a areia que comeu e o calor que



Casas de barro no sopé da escarpa de Bandiagara, morada do povo Dogon

passou na última vez que se aventurou pelo Saara em julho. Que diga o alpinista Eliseu Frechou, que esteve por lá em 1996 para escalar na unha os 550 metros verticais do Kaga Tondo, o “dedo” mais alto da formação. “Além do calorão de 45°C, houve tempestades de areia e ainda faltou comida”, disse.

O receio de cair em uma roubada se intensifica a cada quilômetro deserto adentro. Qualquer pneu furado, pé torcido ou intoxicação alimentar pode se tornar um problema sério, possível de ser resolvido apenas em Bamako, que aquela altura distava a pelo menos 600 quilômetros.

No dia seguinte, chegamos à parte da viagem mais esperada. Muita gente viaja ao Mali apenas para fazer o trekking pelos vilarejos do povo Dogon. Sua cultura rica em lendas e crenças é muito diferente das dos povos muçulmanos, presentes no resto do Mali. Praticamente define uma nação à parte, um país dentro de outro, assim como acontece



Crianças e cabras na região da escarpa de Bandiagara

com os tibetanos na China. O povo Dogon, versado em astronomia, teria registrado no século 12 as luas de Júpiter e os anéis de Saturno pelo menos cinco séculos antes dos europeus. Uma mudança na paisagem exhibe inúmeros mirantes, por onde começamos nossa caminhada de dois dias. A partir daqui o transporte é a pé. O pernoite será ao relento e a comida será uma (boa) surpresa a cada vilarejo.

Após nos despedirmos de Issa, foi a vez de Momo nos guiar. Descemos por uma fenda no paredão que lembra o relevo da Chapada dos Guimarães, no Mato Grosso, embora muito menos verde. O cheiro forte das cabras pastoreadas por crianças evidencia a presença humana. Espalhadas debaixo dos abrigos naturais da famosa escarpa de Bandiagara, pequenas casas de barro se amontoam sob o abrigo rochoso. “A criatividade dos nossos ancestrais vai longe”, conta Momo, enquanto acendia uma fogueira no final daquele dia junto com o Hogon, uma espécie de pajé do povoado. Ouvimos histórias sobre facções religiosas, teorias da evolução, dos astros. Nosso pernoite foi improvisado no topo de uma casa de barro. Chapados de cansaço sobre colchonetes cobertos com mosquiteiros (embora não houvesse mosquitos), apreciamos a via láctea sobre nossas cabeças, como se aquilo fosse um hotel de um milhão de estrelas.

No dia seguinte, fomos acordados pela luz dourada da alvorada projetada na rocha. Após percorrer as partes planas do território Dogon, reencontramos Issa no vilarejo de Tireli. No caminho de volta a Bamako, percebo que estou levando para casa uma ótima impressão do Mali e sua gente. A vontade de voltar ao país só pode ser um bom sinal. ■

GUIA VT

Bamako 0223

FICAR

Em Bamako, a pousada **Sleeping Camel** (Rue 25, Porte 80, Badalabougou Est, thesleepingcamel.com; diárias desde € 50) ajuda na organização de excursões pelo interior do país. O mesmo pode se esperar do **Hotel Tamana** (hoteltamana.com; diárias desde € 110), que tem apartamentos um mais confortáveis.

COMO CHEGAR

A **Air France** (0800-8889955, airfrance.com.br) voa até Bamako, com conexão em Paris, desde US\$ 2 189. A **TAP** (0300-2106060, flytap.com.br) faz conexão em Lisboa, desde US\$ 2 033.

QUEM LEVA

A **Highland** (11/3254-4999, highland.com.br) tem pacote de 11 noites que inclui Bamako, Segou, Mopti, Kundu e Timbuktu, desde € 5 190. Na **Mundus** (11/32624-399, mundus.com.br) o pacote de 8 noites com roteiro similar sai desde US\$ 2 170, sem aéreo.

DOCUMENTOS

O visto de entrada pode ser adquirido no aeroporto em Bamako. Custa US\$ 50 e deve ser pago em dinheiro trocado. Antes de se aventurar pelo interior do país, dê um pulo na **Embaixada do Brasil** (Rue 113, Porte 62, Badalabougou Ouest, 2022-9817) e deixe-os informados de sua rota e previsão de retorno. Just in case. É obrigatório portar certificado de vacina contra febre amare-

la. Malária é um risco constante. Evite pernoites em hotéis próximos do rio Níger.

DINHEIRO

Leve euro e dólar em espécie para trocar pela moeda local, o Franco CFA. Caixas eletrônicos são raros.

MELHOR ÉPOCA

De novembro a fevereiro as temperaturas são agradáveis, entre 20°C e 30°C, e as tempestades de areia são menos frequentes. Nem pense em visitar a região entre junho e agosto. O calor é insuportável.

TRANSPORTES

No fórum lonelyplanet.com/thorntree você pode achar parceria para uma viagem similar e ter informações frescas sobre serviços, segurança e condições das estradas. Issa, o motorista contratado para guiar o roteiro deste reportagem, pode ser encontrado no e-mail mamadoutapily@yahoo.fr.

PANORAMA

No século 14 o Império do Mali foi um importante centro de comércio na África Ocidental. Os franceses dominaram a região no início do século 20 até 1960 quando o Mali conquistou a independência. Em 1992, foi eleito o primeiro presidente por voto direto. Hoje o país é uma das democracias mais fortes da África. Entretanto, quase metade da sua população de 14 milhões de habitantes vive com menos de US\$ 1 por dia.

Malibeat

Difícil encontrar um país africano musicalmente tão rico quanto o Mali, tanto que uma das teorias diz que o blues nasceu ali. Fato é que nomes consagrados como Salif Keita e Ali Farka Touré, este um dos 100 melhores guitarristas de todos os tempos segundo a revista *Rolling Stone*, são malineses. Conferir os músicos da vez em um giro por Bamako é obrigatório. No **Le Hogon** (*Avenue Kassa Keita Dar Salam*), um dos clubes mais clássicos, o grande nome ali é Toumani Diabaté, um mestre do kora, uma espécie de harpa feito com cabaça e 21 cordas (Arnaldo Antunes e Edgar Scandurra gravaram com Diabaté, em 2011, o CD *A Curva da Cintura*). O **Savana** (*Rue Korofina Nord*) bomba às quartas, quando o popular Djibee 5 mistura reggae com ritmos tradicionais cantados em bambara, idioma de um dos maiores grupos étnicos do país. No **Djembe** (*Lafiabougou*) as melhores bandas se apresentam às sextas e sábados no agradável espaço ao ar livre. (CAIO VILELA)